PUBLICAÇÃO BIMESTRAL: ANO LXVIII BOLETIM INFORMATIVO No.13 SÃO PAULO JUL / AGO

Centro de Cultura Social

Fundado em 1933. "Estimular, apoiar e promover o estudo de todas as questões sociais, contribuindo para o desenvolvimento do indivíduo dentro da coletividade próspera e livre!"

Rua dos Trilhos, 1365-fundos Mooca. Caixa Postal 2066 SP/SP CEP 01060-970
Fone: 0xx11.6606-9960 e-mail: ccssp@uol.com.br hp: www.ccssp.hpg.com.br

Agir com Pensamento e Pensar com Ação.

Gostaríamos de nos dirigir aos anarquistas, entendendo por este adjetivo àquelas pessoas que, trazendo sinceridade na razão e no coração, mantêm uma prática *anárquica* desafiadora das estruturas sociais autoritárias.

É de conhecimento geral as batalhas que tem sido travadas contra a crescente centralização sem precedentes do poder econômico, baixo o nome de *globalização*: um fenômeno que coloca o controle do comércio mundial sob o arbítrio de não mais que 15 corporações, transferindo para elas decisões de vida e morte que são impostas sobre populações e comunidades inteiras. Essa realidade de nossos dias exigiu uma coordenação de forças mais ativa dos grupos e indivíduos vítimas desse poder, e em particular dos anarquistas. Temos assistido o despertar do movimento anarquista mundial contra o império econômico do capitalismo global e dessa coordenação nasceu o que hoje se conhece pela siga A. G. P. (Ação Global dos Povos); nascida de uma reunião em Genebra, entre os dias 23 e 26 de Fevereiro de 1998, a AGP consiste numa rede de coordenação mundial de resistência contra o mercado global, um instrumento pelo qual se estabelece a aliança e a solidariedade na luta contra a globalização e as instituições criadas para sua imposição: OMC, BM, FMI, etc. Sua força de mobilização ficou conhecida pelos eventos de Seattle, Washington, Praga, Quebec e, mais recentemente, Gênova.

No Brasil, e mais particularmente em SP, diversos grupos e indivíduos reuniram-se a partir de Maio de 2000 para coordenarem seus esforços que culminaram no S26 (26 de setembro), manifestação que fechou a Bolsa de Valores durante algumas horas; os manifestantes novamente e com maior ímpeto, vieram bradar seu repúdio no A20 (20 de abril) onde cerca de 1000 pessoas pararam a Av. Paulista e foram brutalmente reprimidas pela polícia, no triste desfecho que todos assistimos. A mais recente manifestação ocorreu em 20 de julho contra a reunião do G8 em Genova; ao contrário das precedentes, nesta a "ordem não foi perturbada" e não houveram incidentes (quem sabe devido a tolerância das autoridades para com a presença *oficial* da CUT, do MST e outros

Não nos importa discutir as manifestações em si, elas já foram objeto de avaliação em outras ocasiões, mas sim o que elas implicam: a questão da organização, na parte que nos toca, anarquista. A par do despertar do anarquismo mundial contra a globalização, SP foi palco desse fenômeno, tendo à frente das manifestações as iniciativas esmagadoramente anarquistas. Lá como aqui assistiu-se, após décadas de comedimento, um poder de ação que surpreendeu esquerda, direita e centro, e colocou em questão o pretenso consenso do "melhor dos mundos" da globalização. Mas, como dizíamos, tudo isso nos coloca inevitavelmente a questão da organização.

Pensamos que se pode fazer uma crítica a esses acontecimentos sem reduzir seus méritos e mesmo reconhecendo a energia e boa vontade de seus manifestantes: que eles têm sido movidos de maneira espontânea e tem sido, por assim dizer, fruto dos instintos rebeldes da juventude e de sua sede de ação. Seu imediatismo tem nos conduzido em estéreis atos de violência que não têm encontrado outra conseqüência que outro ato de violência reacionária por parte das forças repressivas; nosso imediatismo criou um hiato entre ação e pensamento, hiato onde se perdeu a organização, quer dizer, a *anarquia*. Eis o que desejamos dizer e para o que pedimos, ao menos, a paciência de escutar.

Todo imediatismo possui a particularidade de obscurecer os motivos e as finalidades de uma ação, assim parece que esquecemos, no ardor da luta, o ânimo de nosso programa. Agrade ou não, existe um programa anarquista em torno do qual se mobilizam pessoas e grupos das mais variadas maneiras; estamos certos que uma transformação radical da sociedade não será para o próximo decênio, isso contudo não nos impede que a desejemos, quem sabe, para daqui a meio século. Como toda transformação, ela começa pela destruição dos obstáculos que à contêm, *abrindo caminho* para mudanças sociais qualitativas; porém, ela apenas começa... e tendo eliminado o Estado (tenha ele o nome que for!) e a propriedade é quando veremos de fato o

Como somos demasiadamente incrédulos para a *Nova Jerusalém* dos cristãos e sua equivalente teológica da *transição* socialismo-comunismo pregada pelo marxismo, em realidade o valor de nosso programa é medido pela força de nossa organização antes e durante a *abertura do caminho*. A *anarquia* é, segundo nossas possibilidades, uma prática do aqui-agora, e não o consolo de uma vida distante; e como não queremos a imagem e semelhança da teologia, ela é um objetivo em incessante realização pela força criativa do indivíduo da qual a liberdade, dentro da responsabilidade, não há limites. É por isso que a organização, segundo Luigi Fabbri (*A Organização Anarquista*), não é um método mas um fim, ela não é necessária apenas para *abrir caminho* mas para a construção da *anarquia*, ela é inerente a qualquer sociedade humana, é uma questão de princípio: a máxima expressão da ordem! Malatesta dizia que *Anarquia significa sociedade organizada sem autoridade*, e sua realização dependerá da vontade dos homens que, por sua vez, a adesão dessa vontade depende da difusão de nossas idéias, da eficácia de nossa propaganda na qual nossa única arma é a força cultural da persuasão. Não existe outra maneira caso se queira construir algo de bom e duradouro; as multidões são terrivelmente volúveis, se hoje nos apóiam, amanhã nos acusarão; é preciso constituir núcleos anarquistas, dez, cem, quinhentos; multiplicar suas relações, coordenar seus esforços; quintuplicar a propaganda através da palavra e da prática, com o objetivo de erradicar o nosso pior inimigo: o hábito de se deixar governar.

Isso não é o oposto a manifestações de rua, nem tão pouco queremos deixar de fazê-las; mas, fazê-las com a certeza e segurança de que pelo menos numa parte da sociedade nossas menifestações encontrarão alguma receptividade, que não serão meros ecos que se vontarão contra nós na primeira manchete de jornal. O papel decisivo de nossa organização é o de construir um imaginário social anarquista, de alguma maneira apaixonar a sociedade, movê-la e motivá-la; despertá-la pela invenção cultural de valores e verdades anti-autoritários.

Não compreendemos o pânico em que se atiram várias pessoas quando se tenta propor um caráter organizativo para AGP; uns por ingenuidade e outros por má fé, são todos partidários da "fluidez", da informalidade e do espontaneísmo. E agem nessa direção como se esses fossem princípios anárquicos, quando o inverso é verdadeiro: quanto menos organizados, mais se sente a influência do "militantismo" autoritário que prepondera sob a influência do orador e do ativista de plantão; ao contrário, a consciência individual se desenvolve e se eleva quanto mais são seus contatos, discussões e trabalhos em comum, quanto mais esteja organizada.

Deve-se escolher: ou a AGP é uma associação espontânea, que queima suas energias numa combustão imediatista - e quanto a isto nada teremos que acrescentar; ou ela poderá ser uma organização vasta e duradoura, com critérios orgânicos e formas determinadas para a propaganda e agitação públicas, sob a velha fórmula do indivíduo livre para o grupo, do grupo livre para a federação, da federação livre local para o âmbito regional, nacional e internacional - e ai teremos algo a dizer. Neste último caso, não se trata da "organização mastodonte" mas de multiplicar os grupos de maneira que cada indivíduo possa somar forças segundo suas idéias e temperamento e que encontre na associação não o limite de sua liberdade, mas a maneira de tornar eficaz sua atuação e aprimorar sua experiência. Neste sentido, alguns caminhos começaram a ser trilhados quando se discutiu no início do ano as vantagens dos grupos de afinidade dentro da AGP, sem dúvida teria sido um importante passo caso o "pânico" de alguns *bons oradores* em nome da "fluidez" não suplantasse os átomos do movimento anarquista, seus elementos menores e que por isso possibilitam um relacionamento itenso e um alto grau de intimidade de seus membros alimentado pela partilha de idéias e concepções comuns; eles tem a vantagem de combinar as letras frias de nossa teoria com um estilo de vida e um comportamento revolucionários, oferecendo as seus integrantes um espaço de desenvolvimento individual e social. Mais ainda, uma vez constituídos, eles se relacionam entre si e para fora, o que itensifica sensivelmente sua visão crítica dos problemas locais ao mesmo tempo que influência o movimento popular mais amplo. São núcleos anarquistas irradiando propaganda e práticas revolucionárias!

Para finalizar, dizia Luigi Fabbri nos idos de 1907:

> Nós anarquistas, é preciso confessá-lo, se jamais fomos abatidos pelas perseguições que chovem sobre nós, sempre tivemos um medo maldito de um fantasma que nós mesmos criamos. Nós nos resignamos a ser vítimas de todos os loucos, de todos os extravagantes, de todos os exagerados que, com o pretexto da lógica, pretenderam não apenas justificar tudo aquilo que eles consideravam inconveniente e ignóbil nos burgueses, mas também impedir e demolir todo o trabalho de reconstrução que outros camaradas tentaram, lançando permanentemente o espectro da incoerência com as idéias.

Quando alguém põe-se em contradição com as idéias pronunciadas, quando falta ao compromisso... a única liberdade que podemos reconhecer nele é a de: ir-se embora! Dizia o filósofo que pensamento e ação são idênticos e que aquele que não age como pensa, pensa incompletamente.

A Comissão Administrativa.

NOTÍCIAS

A luta contra o Totalitarismo Global faz sua primeira vítima

A repressão aos protestos contra a globalização durante o encontro da cúpula do G8 neste 20 de julho em Gênova, na Itália, matou um jovem anarquista de 23 anos. Carlo Giuliani foi baleado à queima-roupa na cabeça e teve seu corpo esmagado pela viatura do assassino, numa cena de violência fascista.

Carlo Giuliani, assassinado pela polícia italiana.

A manifestação reuniu cerca de 150.000 pessoas das quais mais da metade eram anarquistas da Itália e do resto da Europa. O Centro de Cultura Social enviou ofício ao *Il Consolato Generale d'Italia a San Paolo* em protesto ao ocorrido e solicita a todos que o façam. Não se pode permitir que mais crimes sejam praticados pelo imperialismo econômico do G8, não se pode tolerar mais seus homicídios: é nosso dever protestar contra brutal violência!

Escreva!:

Il Consolato Generale d'Italia a San Paolo
A/C Sr. Cônsul Geral
Av. Higienópolis, 436
Higienópolis
CEP 01238-905 - São Paulo SP

NOTAS

➤ Respeitamos, porém lamentamos:

Desvinculação do CCS:

"Gostaria de comunicar meu desligamento do Centro de Cultura Social a partir do Encontro de Cultura Libertária realizado em Florianópolis em setembro do ano passado. Os fatos ocorridos naquele Encontro demonstraram o afastamento entre minha visão sobre o Anarquismo e a dos membros deste Centro. Portanto a partir de agora, não faço mais parte do quadro associativo, assim como das contribuições financeiras do CCS.

Agradeço a atenção, Roberto Freire". [15/03/2001]

➤ Obra clássica do pensamento anarquista ganha edição brasileira:

Do Princípio Federativo e da Necessidade de Recontruir o partido da Revolução de Pierre Joseph-Proudhon, finalmente ganhou lugar na estante brasileira. Lançado no início deste ano pela Editora Imaginário em parceira com Núcleo de Sociabilidade Libertária da PUC/SP, esse clássico do pensamento anarquista foi escrito em 1863, pouco mais de um ano antes de sua morte; é portanto um escrito de sua maturidade. A edição traz ainda uma rica apresentação de Francisco Trindade (mesmo autor da versão portuguesa) e uma bem completa cronologia do autor. Proudhon, cuja memória fora manchada e ultrajada pelos idólogos marxistas, pode agora ter maior acesso ao leitor brasileiro que seguramente se sentirá envolvido por um pensamento de grandes dimensões.

Também fora reeditado a excelente coletânea *Os anarquistas julgam Marx*, dos mesmos editores, agora contando com dois textos inéditos; é sem dúvida uma obra oportuna, pois vem dissolver muitas das confusões que hoje se fazem, ingenua ou maldosamente, acerca do anarquismo e marxismo. Remetemos fortemente o leitor ao sabor destes grandes livros...

➤ O Centro de Cultura Social e o Núcleo de Sociabilidade Libertária promoverão CURSO DE INTRODUÇÃO AO ANARQUISMO:

Está em fase de preparação um curso de Introdução ao Anarquismo que será realizao pelo Centro de Cultura Social em parceria com o Núcleo de Sociabilidade Libertária da PUC/SP. O objetivo é fornecer ao público interessado uma visão ampla dos tópicos: história, teoria, prática, estratégia e tática, lutas sociais e existências do anarquismo no Brasil e no mundo. Serão convidados especialistas, pesquisadores e autodidatas para lecionarem; o curso tem previsão para duração de 18 meses, dividido em 3 módulos semestrais. Para melhor dimensionar as necessidades, pedimos a todos os interessados que nos escrevam enviando sua pré-inscrição: ccssp@uol.com.br ou pela nossa caixa postal.

➤ Desculpas aos leitores:

Por uma série de contratempos não pudemos lançar este boletim de nº 13 em seu bimestre correto; este deveria ter vindo à público entre os meses de Março e Abril, conforme sua periodicidade bimestral. Houve assim a não edição de dois números referente aos bimestres de Março/Abril e Maio/Junho; retomando sua regularidade, lançamos o bimestre Julho/Agosto. Esperamos que tal situação não se repita!

➤ Mais uma contribuição para a história do anarquismo:

anarquismo contemporâneo de Margareth Rago e editado pela Unesp. Obra emocionante que resgata a vida e a obra da grande anarquista italiana, cuja perda no ano passado todos sentimos, e sua trajetória dentro do movimento anarquista internacional. É sem dúvida uma valiosa contribuição que devemos prestigiar!

➤ PUC/SP receberá Leituras Dramáticas:

Dando continuidade às suas atividades culturais, o Centro de Cultura Social realizará uma série de leituras dramáticas na PUC/SP, a convite do Núcleo de Sociabilidade Libertária. A primeira delas será "O Assalto" de José Vicente; venha participar e prestigiar esse trabalho! Confira abaixo datas e horários:

12 de Setembro, às 19:30h
O Assalto, *de José Vicente*
Direção de Alberto Centurião

16 de Outubro, às 19:30h
Quando as Máquinas param, *de Plínio Marcos*
Direção de Fábio Dias

12 de Novembro, às 19:30h
Colônia Cecília, *de Renata Pallottini*
Direção de Alberto Centurião
Direção musical de Tarcísio José

Local: PUC/SP
Prédio Novo: 4º andar sala 4B-12 ou
Prédio Velho: sub-solo, Pátio do Museu da Cultura

➤ Apelo aos sócios e simpatizantes:

O Centro de Cultura Social é uma entidade sem fins lucrativos cuja finalidade é promover nos meios populares o estudo de todas as questões sociais; ele não concede títulos honoríficos e todas as suas atividades são executadas sem remuneração; é, no entanto, mantido pela contribuição financeira e voluntária de seus sócios que subdisiam suas atividades. Sem sua contribuição suas atividades ficam invibializadas; por isso apelamos aos sócios e simpatizantes que, dada a oportunidade de contribuir não o deixem de fazer, garantindo a qualidade e o bom andamento de nossos trabalhos culturais.

➤ Página do Centro de Cultura Social:

Está em fase de confecção a página na internet do CCS. Nela o público poderá ter acesso a sua agenda cultural, histórico, biografias de militantes anarquistas, estatutos e demais informações nela publicadas. É mais uma lacuna que vai ser preenchida.

➤ Biblioteca Social "Antonio Martinez":

Continua perseverante os trabalhos de organização e catalogação da biblioteca do Centro de Cultura Social, tendo à frente a vigorosa coordenação da companheira Miriamde Almeida. Contando majoritariamente de títulos versando sobre socialismo e anarquismo, a biblioteca é a reunião de várias doações feitas por antigos militantes, entre eles Luca Gabriel, Jaime Cubero e Antonio Martinez (de quem recebe o nome). O trabalho é grande, mas o desejo de trazê-la à público é ainda maior. Sua contribuição é bem-vinda!

NOTAS

continuação...

- **Serviço de livraria do CCS adquire novos títulos!**

O serviço de livraria do CCS, através de uma parceria com a Editora Annablume, acaba de adquirir cinco novos títulos que estão disponíveis para venda. Procure o serviço de livraria do CCS aos sábados durante a programação ou então pelo e-mail ccssp@uol.com.br para preços e custos de frete. Estaremos disponibilizando este serviço de livraria on-line em breve através da nossa página. Aguarde!. Os novos títulos:

O lendário Meneghetti - imprensa, memória e poder, de Célia de Benardi. Meneghetti foi considerado o maior vilão de todos os tempos. Italiano, chega ao Brasil em 1913 e foi temido e admirado mesmo depois de sua morte. Irreverente mesmo durante seus julgamentos, suas declarações à imprensa fazia com que parte da população o apoiasse. Foi preso várias vezes, e dizia ter um impulso incontrolável de roubar, até sua morte, em 1976. Bernardi refaz a história do "bom ladrão", analisando toda a trama feita pela imprensa e pelo poder público e do circo que se armou sobre ele.

O espírito da revolta - a greve geral anarquista de 1917, de Christina Roquette Lopreato. Em 1917 São Paulo testemunhou a maior greve de sua história. Praticamente toda a atividade comercial e industrial da cidade parou por três dias, devido à greve geral organizada pelos militantes anarquistas. Christina Lopreato narra como foi o movimento, analisando as influências anarquistas sobre a greve, a repressão do governo e a cobertura da imprensa. A autora recupera, assim, esse episódio marcante da história da cidade de São Paulo, que ainda hoje guarda as cicatrizes da manifestação.

Sob a sombra de Mussolini - Os italianos em São Paulo e a luta contra o fascismo (1919-1945), de João Fábio Bertronha. Fornece um panorama sobre a luta contra o fascismo na colônia italiana no Brasil, especialmente em São Paulo.

Nem tudo era italiano - São Paulo e pobreza (1890-1915), de Carlos José Ferreira dos Santos. Pelo cruzamento de dados com fotografias, crônicas e reminiscências sobre a vida na cidade-símbolo do trabalho organizado, reconstituiu, práticas de sobrevivência e de confrontos culturais, pluralizando as experiências que sustentavam as metáforas do progresso quando "nem tudo era italiano", prosperidade e coesão.

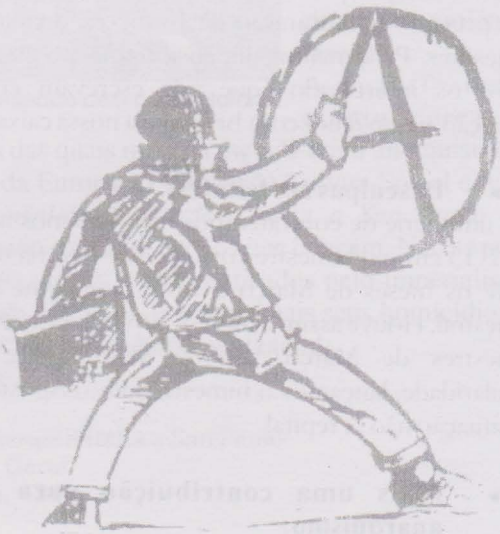
As prisões em São Paulo (1822-1940), de Fernando Salla. Obra que desmonta o pensamento carcerário autoritário que persiste depois da Abolição e do final da opressão da Monarquia, mostrando que quinze anos depois da transição da ditadura militar os governos democráticos em São Paulo (e no Brasil) ainda não conseguiram implementar uma política carcerária imune ao racismo, ao arbítrio e ao desrespeito dos direitos do cidadão.

PROGRAMAÇÃO CULTURAL

2º Semestre

Sempre às 16:00h na sede do CCS
Entrada Franca!

- **11/Ago.** Vídeo-Debate sobre o filme "If".
- **18/Ago.** Debate: "Perspectivas Teórico-Práticas de Inserção Social em Campinas e Baixada Santista" com membros do COMLUT/Campinas e do CAVE/BS.
- **25/Ago.** Leitura dramática da peça "O homem do princípio ao fim" de Millor Fernandes, direção de Alberto Centurião, ator e diretor teatral e membro do CCS.
- **1º/Set.** Conferência: "Stirner, anarquia e amizade", com Edson Passetti, cientista político, organizador do livro *PROUDHON* (Ática) prof. do Programa de Estudos Pós-Graduados da PUC/SP e membro do NUSOL-PUC/SP.

Mini-Ciclo "ANTROPOLOGIA DO PODER":

- **15/Set.** Conferência de Abertura: "Poder e Mito na Sociedade Indígena", com Carmen Junqueira, antropóloga, autora do livro *Os índios de Pavuna* (EDUC) e profa. do Programa de Estudos Pós-Graduados da PUC/SP.
- **22/Set.** Conferência: "Delegação e representação indígenas.", com Rinaldo Arruda, antropólogo e prof. do Programa de Estudos Pós-Graduados da PUC/SP (*sujeito a confirmação*).
- **29/Set.** Conferência: "Poder e identidade na Antropologia", com Júlio Simões, antropólogo, autor do livro *O Dilema da participação popular: a etnograia de um caso* (ANPOCS/Marco Zero) e prof. da Fundação Escola de Sociologia e Política de SP.
- **06/Out.** Mesa Redonda de Fechamento com Giulius Aprigio, antropólogo e membro do CAVE/BS e José Carlos Morel, físico e membro do CCS.
- **20/Out.** Debate: "As origens da Umbanda no Brasil", com Francisco Ripó Neto, sociólogo e membro do CCS.
- **27/Out.** Leitura dramática da peça "Bella Ciao!" de Luiz Alberto de Abreu, direção de Beatriz Tragtemberg, atriz e diretora teatral.
- **10/Nov.** Debate: "Natureza e Cultura" com José Carlos Morel, físico e membro do CCS e Nildo Batata, antropólogo e membro do CCS.
- **24/Nov.** Vídeo-Debate com o filme "O Triunfo da Vontade".
- **1º/Dez.** Conferência: "Maio de 1937 em Barcelona: o confronto com os Comunistas" com Diego Gimenez Moreno, ex-combatente da guerra civil, autor do livro "Mauthausen: campo de concentração e extermínio" e membro do CCS.
- **08/Dez.** II Reunião Semestral dos sócios e simpatizantes do CCS.
- **15/Dez.** Encerramento do Ano: Saraú Libertário.